

# CULTURA E SOCIEDADE 2

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE  
(ORGANIZADORA)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# CULTURA E SOCIEDADE 2

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE  
(ORGANIZADORA)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968    Cultura e sociedade 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
 Modo de acesso: World Wide Web  
 Inclui bibliografia  
 ISBN 978-65-86002-45-4  
 DOI 10.22533/at.ed.454201203

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 353.70981

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O e-book “Cultura e Sociedade 2” apresenta onze artigos com pesquisas e estudos que debatem a relação entre educação e cultura a partir de diferentes perspectivas.

A cultura envolve uma série de valores construídos socialmente que em conjunto estabelecem um código de normas para as relações estabelecidas. Neste sentido, os artigos apresentados contribuem para o debate acerca da influência e relação existente entre a questão cultural e a diversidade, manifestações populares e resistência, conhecimento tradicional e comunidades, levando-se em consideração para estes debates a questão territorial, representações e sustentabilidade.

No que concerne aos artigos que dão ênfase aos aspectos educacionais, as discussões realizadas estão voltadas para a integração entre estas e a cultura, considerando-se a diversidade no contexto escolar e o papel do conhecimento tradicional para o cotidiano dos espaços educacionais.

São pesquisas que contribuem para uma visão mais ampliada e contextualizada das diversidades presentes nos territórios e que acabam por impactar na definição de políticas públicas e nos fatores relacionais, sendo as pautas apresentadas imprescindíveis e ainda com um vasto campo de possibilidades de análises e estudos a serem realizados.

Desejo boa leitura a todos e a todas!!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“ANTES DE DANÇAR O COCO ERA COMO ESTAR NO MUNDO, MAS NÃO EXISTIR”: EXPERIÊNCIAS DANÇANTES EM CONTEXTOS DE MUDANÇAS NO CARIRI CEARENSE	
Camila Mota Farias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
ARGUMENTOS EM DEFESA DA INTEGRAÇÃO DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E CULTURA NA ÉPOCA DE SUA SEPARAÇÃO INSTRUMENTAL	
Marco Antônio de Castilhos Acco Alexandre Santos Arantes de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
A CONCENTRAÇÃO ESPACIAL DO PROGRAMA CULTURA VIVA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO	
Bruno Costa Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA OBRA DESONRA DE J.M. COETZEE	
Alyne de Sousa Jardim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
APRENDIZAGEM E MUDANÇA PARA A SUSTENTABILIDADE: ESTUDO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA	
Gabriela Almeida Marcon Nora Fernanda Almeida Marcon Rudimar Antunes da Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
CULTURA E DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR	
Adriano Alves Silva Diego Martins Sampaio dos Santos Elielson Dias Sacramento Henrique Xavier dos Santos Lorena Oliveira dos Santos Marcildo dos Santos Sacramento Moema Catarina Moreira Nascimento Bastos Palillo Kaic Pires Sena Andrade Paloma Pereira dos Santos Robson de Jesus Andrade Sonia Mendes Ferreira Valdiane Silva Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012036</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
MARÍA A LA LUZ DE LA FE DEL PUEBLO LATINOAMERICANO	
Clara María Temporelli, odn	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012037</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>84</b>
O BEM VIVER COMO UMA ALTERNATIVA DE RECONFIGURAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS	
Fernanda Rodrigues Lagares	
Cassy Lima Santos	
Katiucia da Silva Nardes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012038</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>91</b>
MARAMBIRÉ COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA PARA O QUILOMBO DO PACOVAL/PARÁ	
Andréa Simone Rente Leão	
Girlian Silva de Sousa	
Edilmar Santana Quaresma	
Joice Eliane Vasconcelos de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012039</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
O ESTANDARTE: ESPETACULARIDADE E POESIA NAS MANIFESTAÇÕES POPULARES DO HOMEM AMAZÔNICO	
Amarildo Rodrigues da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45420120310</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>120</b>
O PAPEL DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA E NA COMUNIDADE DO RIO MAÚBA	
Edésio da Silva Pinheiro	
Laércio Farias da Costa	
José Francisco da Silva Costa	
Oselita Figueiredo Corrêa	
Josiane da Silva Moraes	
João Batista Sagica de Farias	
Nazareno do Socorro da Silva Oliveira	
Rosilda do Socorro Ferreira Vaz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45420120311</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>138</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>139</b>

## “ANTES DE DANÇAR O COCO ERA COMO ESTAR NO MUNDO, MAS NÃO EXISTIR”: EXPERIÊNCIAS DANÇANTES EM CONTEXTOS DE MUDANÇAS NO CARIRI CEARENSE

Data de aceite: 10/03/2020

**Camila Mota Farias**

Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia  
Fortaleza - Ceará

**RESUMO:** Objetivamos investigar a experiência dançante de mulheres brincantes de Coco no Cariri cearense, em um contexto marcado por políticas públicas culturais, compreendendo a relação existente entre o Estado, organizações não governamentais e os saberes/fazeres populares. A dança do Coco é uma prática de origem afro-indígena encontrada no nordeste brasileiro, no Ceará destaca-se como dança de homens pescadores. Todavia, o espaço escolhido para estudo localiza-se no sertão, no qual esta dança é produzida, sobretudo, por mulheres agricultoras que assumem os papéis de dançadeiras e de mestras. Estas mulheres possuíram experiências com o brincar em suas infâncias, marcadas pela integração da dança com o trabalho cotidiano no campo e no pisar do chão das casas, porém estas experiências foram interrompidas por diversos motivos, como casamento ou mudanças, mas foram retomadas a partir de 1979, com o incentivo de políticas públicas culturais. Neste contexto foram formados grupos para dançar

Coco, o que envolve uma espetacularização da dança, constituindo uma nova estética da brincadeira, marcada, por exemplo, pela inserção de um figurino próprio, fazendo-a migrar das comunidades rurais para os centros das cidades onde passaram a ser exibidas em palcos e praças. Apesar de este contexto deslocar territorialmente a dança e, também, promover novos significados e ritualizações em seu fazer, por meio de um jogo de poderes ocorre um processo de reinvenção dessas mulheres que passam a experimentar seus corpos e suas existências de uma outra forma, ressignificando o viver por intermédio do dançar. Assim, podemos produzir uma análise que compreenda as políticas culturais como mediadoras que, junto às experiências dos sujeitos, as suas subjetividades, promovem novas construções identitárias por meio de uma experimentação de fazeres poéticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dança do Coco. Experiências Dançantes. Cariri.

“BEFORE DANCING THE COCO WAS LIKE BEING IN THE WORLD, BUT NOT EXISTING”: DANCING EXPERIENCES IN CONTEXTS OF CHANGE IN THE CARIRI CEARENSE

**ABSTRACT:** We aim to investigate the dancing experience of Coco women in Cariri Ceará, in a context marked by public cultural policies,

including the relationship between the State, non - governmental organizations and popular knowledge / practices. The Coco dance is a practice of Afro-indigenous origin found in the Brazilian northeast, Ceará stands out as a dance of men fishing. However, the space chosen for study is located in the hinterland, in which this dance is produced, above all, by women farmers who assume the roles of dancers and teachers. These women had experiences with playing in their childhoods, marked by the integration of dance with daily work in the countryside and stepping on the floor of the houses, but these experiences were interrupted for various reasons, such as marriage or changes, but were resumed from 1979, with the encouragement of public cultural policies. In this context, groups were formed to dance to Coco, which involves a spectacularization of dance, constituting a new aesthetic of the game, marked, for example, by the insertion of an own costume, making it migrate from rural communities to the centers of the cities where they passed to be displayed on stages and squares. Although this context territorially displaces dance and also to promote new meanings and ritualizations in its doing, through a game of power occurs a process of reinvention of these women who begin to experience their bodies and their existence in another way, resignificando to live by means of dancing. Thus, we can produce an analysis that understands cultural policies as mediators that, together with the subjects' experiences, their subjectivities, promote new identity constructions through an experimentation of poetic practices.

**KEYWORDS:** Coconut Dance. Dancing Experiences. Cariri.

## 1 | A DANÇA DO COCO

A dança do Coco pode ser considerada como uma performance da cultura popular que remete às ancestralidades, sobretudo, africanas e indígenas. Esta dança traz o cantar-dançar-batucar como fundante da manifestação, que é marcada por uma alternância do ritual e do jogo, criando uma brincadeira que depende de uma figura-chave, o Mestre ou a Mestra, responsável pela transmissão dos saberes/ fazeres e por conduzir a dança que é desenrolada a partir da estruturação de uma roda, na maioria dos casos. Segundo Zeca Ligieiro (2011) estes elementos compõem características das performances culturais afro-brasileiras.

Todavia as ancestralidades da brincadeira estudada são reveladas, também, na historicidade da prática e através dos discursos dos brincantes. Estes remetem a uma “origem” africana e indígena, a estórias de índios e negros que cantavam e dançavam nas areias das praias nordestinas, ou ainda a vida dos escravos que nos engenhos junto ao trabalho forçado desenvolveram esta brincadeira, entre outras narrativas (ANDRADE, 2002).

O Coco se estrutura, principalmente, pelo uso de instrumentos de percussão, como o ganzá e o atabaque, possui uma estrutura poética-musical composta por solos e por refrão coral, respondido pelos dançadores. Esta prática pode ser encontrada,

principalmente, no Nordeste Brasileiro. No Ceará, identificamos um maior destaque aos Cocos de Praia, estes estão constantemente participando de eventos culturais na capital cearense, eram grupos masculinos, atualmente vem ocorrendo uma modificação na estruturação destes grupos, que passaram a ser mistos e compostos por jovens. Assim, a dança no estado alencariano foi historicamente associada aos pescadores, sendo construída uma identidade da dança como brincadeira de pescadores, homens. Porém, no local escolhido para este estudo visualizamos uma diferente constituição do brincar.

## 2 | O COCO CARIRIENSE E AS SUAS BRINCANTES

O Cariri é uma das quatorze regiões<sup>1</sup> que compõe o Estado do Ceará. Possui uma área que corresponde a 16.350,40 km<sup>2</sup> e agrega 28 municípios<sup>2</sup>. Seu nome deriva dos Kariris, grupo indígena que habitou o território antes de sua colonização. A região faz fronteira com outros Estados – ao sul com Pernambuco, ao oeste com Piauí e ao leste com a Paraíba –, inclusive: “Por ser território fronteiro, sua formação política, econômica, histórica e cultural deve muito a fluxos migratórios que datam do século XVIII, quando se iniciou sua colonização” (SEMEÃO, 2014, p. 1).

Diferente do sertão nordestino, o Cariri não é caracterizado pela pobreza no solo, pelo clima semiárido ou pela vegetação da caatinga, em decorrência de se constituir como um vale em meio a Chapada do Araripe<sup>3</sup>, possui uma vegetação diversificada, solos férteis e clima mais ameno, o que gerou sua posição de destaque em razão do seu desenvolvimento econômico, ainda durante a Província, pelo cultivo de cana-de-açúcar e da pecuária. (PINHEIRO, 2010).

Segundo o historiador Carlos Rafael Dias (2014), durante o século XIX o Cariri destacou-se no plano estadual e nacional por sua participação em diversos eventos, como os movimentos emancipacionistas liberais e republicanos ocorridos em Pernambuco, a Revolução de 1817 e a Confederação do Equador, em 1824, destacando nomes como os de Bárbara de Alencar e de Tristão Gonçalves. Além do movimento liderado pelo político militar Joaquim Pinto Madeira, em 1831, que se desenvolveu como uma insurreição absolutista em decorrência da abdicação do

1 O Ceará é composto pelas regiões: Cariri, Centro Sul, Grande Fortaleza, Litoral Leste, Litoral Norte, Litoral Oeste/Vale do Curu, Maciço de Baturité, Serra da Ibiapaba, Sertão Central, Sertão de Canidé, Sertão de Crateús, Sertão dos Inhamuns, Sertão de Sobral e Vale do Jaguaribe. (*O Povo*, Fortaleza, 3 out. 2015, s/p).

2 Abaiara, Barbalha, Cariri, Crato, Farias Brito, Grangeiro, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Várzea Alegre, Aurora, Barro, Brejo Santo, Jati, Mauriti, Milagres, Penaforte, Porteiras, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Campos Sales, Nova Olinda, Potengi, Salitre, Santana do Cariri e Tarrafas.

3 De acordo com o geógrafo Basílio Silva Neto (2013, p. 52): “A Chapada do Araripe está localizada na porção central do Nordeste brasileiro, aproximadamente entre 7° e 8° de latitude sul e 38° 30’ e 41° de longitude oeste. Com aproximadamente 603.996,9ha, ela serve de limite aos estados do Ceará, ao norte, do Pernambuco, ao sul, e do Piauí a oeste. Da sua área total, 313.908,8039ha pertencem ao estado do Pernambuco, 261.204.6901ha ao Ceará e 28.883,43ha ao Piauí”.

Imperador Dom Pedro I ao trono brasileiro. A região, também, tornou-se conhecida pelos acontecimentos de cunho religiosos, como o milagre de Juazeiro do Norte, ocorrido em 1889, protagonizado por Padre Cícero Romão Batista e pela Beata Maria de Araújo, e como o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, ocorrido no século XX, liderado pelo Beato José Lourenço.

O Cariri é considerado o “celeiro cultural” do Estado do Ceará devido a sua significativa dinâmica cultural, é palco de diversos grupos de cultura popular, como bandas Cabaçais, grupos de Reisado, Maneiro Pau, Coco, entre outros. A pesquisa centra-se nos municípios de Juazeiro do Norte e do Crato, tendo em vista que foram neles que identificamos os sujeitos produtores da dança do Coco. As cidades estão localizadas, respectivamente, a 540 e a 529 quilômetros da capital cearenses e correspondem à Região Metropolitana do Cariri<sup>4</sup>, criada pela Lei Complementar Estadual n. 78, sancionada em 29 de junho de 2009.<sup>5</sup>

O Crato situa-se no sopé da Chapada do Araripe e faz divisa com o Estado de Pernambuco. Possui uma população estimada de 128.680 habitantes e uma área territorial de 1.176,467 km<sup>2</sup>. Juazeiro do Norte, que até 1911 era uma vila pertencente ao Crato, possui uma população aproximadamente de 266.022 habitantes e seu território corresponde a 248,832 km<sup>2</sup>, sendo o terceiro município mais populoso do Ceará. (IBGE, 2015).

Nestas duas cidades identificamos quatro grupos de Coco compostos só por mulheres, agricultoras, entre 50-80 anos, raras exceções. Estas mulheres narraram uma experiência com o dançar ocorrida em um outro tempo, sem datação definida, que remete a vivência do Coco para pisar o chão das casas de taipa ou no como canto de trabalho na roça, esta experiência foi interrompida, porém ficou na memória destas mulheres, sendo acionada em momentos específicos o que culminou na formação dos quatro grupos estudados.

O primeiro grupo foi fundado em 1979, chama-se *Agente do Coco da Batateira*, foi organizado pela iniciativa de Mestra Edite Dias de Oliveira Silva, Dona Edite iniciou a brincadeira como atividade do Mobral<sup>6</sup>, levando adiante com as mulheres do bairro Batateira, na cidade do Crato, outro grupo que surgiu por interferência das políticas de educação foi o grupo *Amigas do Saber*, coordenado por Mestra Maria da Santa, que no sítio Quebra, no Crato, deu início ao dançar junto a uma turma do EJA<sup>7</sup>. Todos os outros grupos foram fundados nos anos 2000 e por interferência das políticas públicas culturais, são eles: *Coco Frei Damião*, criado por Marinêz Pereira

4 A Região Metropolitana do Cariri é composta por Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, chamado de triângulo caririense, e mais seis cidades: Caririçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri.

5 Informações disponíveis no *Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável: Território Cidadania do Cariri*, realizado pelo Instituto Agropolos do Ceará em 2010.

6 Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBREAL foi fundado e desenvolvido durante a ditadura militar no Brasil pela Lei nº 5.379 de dezembro de 1967, o movimento destinava-se à alfabetização de adultos.

7 Escola destinada à Educação de Jovens e Adultos.

do Nascimento, em Juazeiro do Norte, no ano de 2003; *Coco da SCAN*<sup>8</sup>, de Mestra Naninha, criado em 2011.

Todos estes grupos estão inseridos em um contexto intenso de diálogo com as políticas públicas culturais, concorrem a editais, constroem apresentações, possuem figurino, um tempo demarcado para execução da dança – cerca de trinta minutos, instrumentos, elementos cênicos, recebem cachês, entre outras coisas que poderíamos citar para caracterizar este contexto.

### 3 | EXPERIÊNCIAS DANÇANTES EM CONTEXTOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS

Com base nesta compreensão e em diálogo com o historiador da música, Francisco Damasceno (2008, p.12), que sugere a existência de uma experiência musical, que consiste na forma de produzir a música e no modo como esta produção cria éticas e estéticas de existência, ou seja, a música possui:

[...] universos sensíveis e referenciados no universo do humano e do experiencial, que absorve dos campos humanos -sua textura e de dentro deles re-elabora a própria experiência humana [...] e assim, redimensiona a própria vida se constituindo ela própria em um vasto território de subjetividades e sentido.

Sugerimos, então, a existência de experiências dançantes, que se revelam na ultrapassagem dos códigos internos da dança – seja os passos, a dinâmica de organização, o figurino utilizado, as expressões e gestos, o canto, quando existe – se expandindo para a vida das pessoas, para as relações que estabelecem.

A partir deste entendimento, temos que as experiências dançantes das mulheres brincantes de Coco do Cariri cearense se dá em um contexto marcado por políticas públicas culturais, assim, aqui, vamos explicar rapidamente este contexto e como isso interfere no brincar, mas também como essas mulheres estão vivenciando essa manifestação cultural ao ponto de permitir uma outra experimentação de si.

Temos no Cariri que desde a década de 1960 essas manifestações populares passaram por transformações de deslocamento que visam um mostrar-se, apresentar-se, pois até então elas estavam restritas aos espaços internos dos sítios, das roças, ou das casas de seus brincantes, sendo, inclusive proibidas no espaço públicos e taxadas de “bisonhas” e “primitivos”. Esse deslocamento se intensificou a partir da década de 1960-70 com a atuação de Elói Teles, um radialista e folclorista local, que passou a divulgar nas rádios e também nas praças das cidades as brincadeiras populares, mas também com a criação sistemática e regular de eventos voltados a elas e com a influência do cenário nacional e estatual que corroboraram para maiores

---

8 SCAN é sigla que corresponde à Sociedade Cratense de Auxílio aos Necessitados, a mesma oferece atividades para idosas e idosos, localiza-se no Crato.

investimentos das políticas públicas nas culturas, já que desde a década de 1970 a cultura passa a ser discutida fortemente pela UNESCO e, no Ceará, começam a surgir atuações por parte dos governadores de investimento nas práticas culturais populares.

O que fez aparecer, por exemplo, as bandas cabaçais em publicação do Anuário do Ceará de 1973 como produtoras das “manifestações folclóricas cearenses mais autênticas e nativas, sobrevivendo, praticamente imune, às influências exteriores” (SAMPAIO, COSTA, 1973, p. 67). O discurso é elaborado com ideais de pureza, todavia estas permeavam a compreensão das culturas populares na época, além de associar a manifestação à “identidade cearense”.

Sobre essa relação entre as políticas públicas culturais, a atuação de sujeitos locais e a dinâmica dos grupos culturais no Cariri, Mestra Edite<sup>9</sup>, produz uma síntese, compreendendo que:

*A cultura cresceu, em 70 existia os Aniceto, aí apareceu nós, o grupo Zé Cirilo, o grupo do Mestre Dedé de Luna e o grupo de seu Aldemir, pronto, era só esses grupos que tinha aqui no Crato, aí depois seu Dedé de Luna tem três grupos de dança, repare quanto a cultura cresceu, um só tem três grupos [...] aí o povo foi criando, apareceu Maria da Santa, criou um grupo de Coco na escola. Mulher, eu acho que a política pública e aquele governador que se chamava Lúcio Alcântara, ele foi quem cresceu essa cultura em Fortaleza, através dele foi passando um cachê que ele dá para os Mestres, uma complementação. Ele tava levando os grupos do Nordeste pra Fortaleza, fomos 4 vezes no Dragão do Mar. Logo no primeiro ano nós já foi com seu Elói, seu Elói era o Mestre de todos os grupos aqui do Crato, ele inventava tudo pra levar a gente pra fora. Aí o Mestre Elói foi incentivando a gente a fazer mais grupo [...] ele mandava fazer e o pessoal que sabia fazer ia fazendo e ia levando pra praça, pro museu, aquela turma de grupo, duas vezes no ano ele levava a gente pra dançar uma noite no Crato, depois levava pra outra cidade. (Crato – CE, 07 abr. 2014, grifos nossos).*

A fala de “Dona” Edite é interessante, pois a Mestra interpreta o surgimento dos grupos culturais na região do Cariri como o “crescimento da cultura” por meio de incentivos de políticas públicas no setor cultural e de agentes internos, como o Mestre Elói, proporcionando a saída de grupos para a realização de apresentações e recebimento de cachês.

Ainda na fala de Mestra Edite, para além das apresentações em praças e em museus, há o destaque dado ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura como polo catalizador desses eventos culturais na década de 1990 e do projeto político estadual. Reafirmamos que este processo de deslocamento da prática cultural possui relação maior com os cenários nacional e estadual apresentados, com os movimentos de busca pela preservação do folclore, com a ampliação e legitimação da noção de patrimônio cultural, com o projeto de desenvolvimento regional a partir de investimentos no setor cultural.

9 “Dona” Edite, que atualmente possui 74 anos, teve o primeiro contato com a dança ainda menina em Pernambuco, é Mestra do grupo de Coco A gente do Coco da Batateira.

Esse cenário faz com que a dança seja experimentada em uma outra lógica que se assemelha a da espetacularização. Segundo José Jorge de Carvalho (2010) a espetacularização consiste em uma “operação” que gera um movimento de captura, apreensão ou até confinamento, cria uma forma para um processo cultural que possui outra lógica. Temos de fato que este cenário provoca modificações na forma de se dançar, cantar e tocar Coco, provoca deslocamentos da manifestação.

Uma das alterações ocorridas neste processo de institucionalização está na estética por meio da incorporação de figurinos, ou de fardas, nas palavras de Mestra Edite:

Hoje existem vários grupos. *Cada grupo é diferente do da antiguidade. Por exemplo, hoje a gente tem um calçado adequado, uma roupa adequada, um figurino. Cada qual quer tá mais bonito.* E naquela época não era assim, *era tudo pessoas simples*, eles usavam tamanco de madeira para pisar o chão, hoje não, é alpercata artesanal de couro, é essas moleca, é umas farda diferente, é de chapéu. *Hoje tem que ser tudo igual*, se é de homem, as blusas e calças iguais, e se é de mulher, saia e blusa igual. (Crato – CE, 07 abr. 2014, grifos nossos).

A diferença apontada com relação à antiguidade está na utilização de uma “*roupa adequada*” que produz uma imagem de beleza e uma disputa desta entre os grupos, o que difere de antigamente, pois que a prática ocorria com seus integrantes utilizando roupas diversas, roupas de “*passaio*”, não havia essa padronização e homogeneização, característica do espetáculo, como assinalou Carvalho (*op. cit.*). A utilização de figurino, ou farda, contribui para uma ideia de organização e de identificação do grupo e das mulheres como dançadeiras de Coco, diferente da plateia que está assistindo.

Porém, não podemos ter uma visão “canibalesca” e pensar que dentro desse contexto os sujeitos não são ativos e não produzem ressignificações que lhes afetam. Há um deslocamento da prática que sai de dentro das casas, como dança que se pisava o chão das casas de taipa, ou como brincadeira que acompanhava o roçado e a farinha, para uma produção que se dá nas praças, em palcos, nas cidades. Cria-se um tempo determinado para uma brincadeira que acontecia sem demarcação de tempo, ou ainda um figurino que padroniza os brincantes. Porém, isso não quer dizer que houve uma desritualização do brincar, os rituais passam a ser outros, cria-se o ritual do ensaio, das reuniões, do lanchar junto antes e após a apresentação, da preparação, do vestir-se e do criar o figurino, entre outros.

Desta forma, o processo de espetacularização promoveu uma institucionalização das práticas em grupos que realizam produções culturais marcadas por transições e transformações. Segundo Carvalho (*op. cit.*), a espetacularização gera: a descontextualização das práticas culturais; suas transformações em objetos de consumo; a ressignificação de fora para dentro. As produções das mulheres

coquistas são marcadas e influenciadas por este processo mais geral que envolve as práticas populares na contemporaneidade, porém essas consequências devem ser relativizadas ao pensarmos a realidade estudada.

Neste sentido, a primeira relativização relaciona-se a possibilidade de neste contexto atual essas mulheres conseguirem manter vivos os seus saberes/fazeres. A segunda relativização está no fato de que, mesmo ocorrendo uma descontextualização, ou desterritorialização da prática, novas contextualizações e territorializações são feitas a partir da transição do rural ao urbano, o que possibilita a criação de relações sociais e de outras formas de fazer os Cocos. A terceira relativização se expressa em que a produção dessas mulheres não adentra e é apropriada pela indústria cultural como um produto a ser consumido por uma massa, ela torna-se, de certo modo, objeto que é apropriado pela lógica produzida, principalmente, pelas políticas públicas, como representativa de uma identidade regional e por isso é transformada em um objeto a ser apresentado. Por fim, a quarta flexibilização dá-se por conta da ressignificação que passa a dança, esta não ocorre apenas como uma imposição de fora para dentro, mas tal ressignificação se dá em um processo dialético, permitindo que as mulheres ressignifiquem as suas existências através da experiência dançante que criam.

Em entrevista, a dançadeira Maria Neide, 67 anos, relembra como era a sua vida antes de dançar Coco:

*Eu vivia era prisioneira, só da roça pro trabalho em casa, e sem sair pra nenhum canto, sem conhecer ninguém, sem conhecimento de ninguém, aí depois que eu entrei nesse Coco abençoado, aí comecei a andar mais ela aí [aponta para Mestra Edite], graças a Deus, **tenho grande conhecimento de todo canto. Acho muito bom, de que eu tá em casa só pensando em coisa que não adianta**, né? (Crato – CE, 7 abr. 2014, grifos nossos).*

É como se na vida dessas mulheres a experimentação da dança demarcasse um antes e um depois, o antes é sempre reafirmado como o tempo do trabalho, o tempo do estar apenas em casa – na maioria das vezes trabalhando, de ser “*prisioneira*”, como sugere a depoente, esse entendimento da vida, do corpo, de si, parece ser compartilhado pelas dançantes. Indicando que a experiência dançante dessas mulheres permite uma outra forma de significar a si, através de três elementos que mapeamos: o conhecimento, a descoberta da fala e a cidadania. Todos eles permitidos e adquiridos pela possibilidade do dançar leva-las a outros lugares diferentes dos lugares comuns destinados às mulheres, ou seja, por permitirem estar em lugares públicos, produzindo poéticas, sendo escutadas e reconhecidas por suas artes.

Logo, pensemos que a prática dessas mulheres ocorre dentro deste cenário de espetacularização das culturas populares, sendo influenciada por ele, mas não estando totalmente condicionada a sua lógica, em parte por não ser vendável o

suficiente para interessar à indústria cultural e em parte pelas subjetividades e (atu) ações de suas produtoras que possibilitam ações criativas e inventivas, afetando as suas identidades.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Os Cocos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

CARVALHO, José Jorge de. 'Espetacularização' e 'canibalização' das culturas populares na América Latina. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, Recife, v.21, p.39-76, 2010.

DAMASCENO, Francisco José Gomes. Experiências Musicais: em busca de uma aproximação conceitual. In: DAMASCENO, F.; MENDONÇA, A. (Org.). **Experiências Musicais**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza – PMF / EDUECE, 2008.

DIAS, Carlos Rafael. **Da flor da terra aos guerreiros cariris: representações e identidades do Cariri cearense (1855-1980)**. 2014. 169 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014.

LIGIÉRO, Zeca. O Conceito de “motrizes culturais” aplicados às práticas performativas afro-brasileiras. **Revista PÓS ciências sociais**, v.8, n.16, p.129-144, jul/dez. 2011. ISSN 2236-9473. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/> Acesso em 11 jul. 2018.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

SAMPAIO, Dorian; COSTA, Lustosa da. **Anuário do Ceará**. Fortaleza: Stylus, 1973.

SEMEÃO, Jane. Os intelectuais do Instituto Cultural do Cariri e sua atuação na (re)invenção do Cariri Cearense (1953-1970). In: Encontro Estadual de História, 12., 2014, São Leopoldo. **Anais do XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS**, São Leopoldo, 2014.

SILVA NETO, Basílio. **Perda da vegetação natural na Chapada do Araripe (1975/2007) no estado do Ceará**. 2013. 185 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

África do Sul 39, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 139

Apartheid 39, 40, 41, 42, 139

Aprendizagem organizacional 49, 50, 51, 52, 53, 59, 60, 61, 62, 139

Arte-Educação 10, 15, 16, 139

### B

Bem Viver 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 139

### C

Cariri 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 139

Condição feminina 39, 41

Conhecimento científico 121, 122, 123, 134, 139

Cultura Viva 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 139

### D

Dança do Coco 1, 139

Desenvolvimento 3, 4, 6, 11, 13, 14, 15, 21, 25, 26, 28, 29, 31, 44, 50, 51, 56, 62, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 105, 129, 137, 139

Diversidade 10, 11, 12, 15, 17, 24, 36, 37, 63, 65, 66, 67, 70, 111, 116, 117, 124, 127, 136, 139

### E

Educação 4, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 32, 37, 44, 45, 49, 50, 60, 63, 65, 67, 69, 70, 104, 106, 121, 123, 124, 126, 127, 136, 137, 139

Espetacularidade 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 139

Estandarte 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 139

Estudo de caso 49, 139

Etnocenologia 108, 111, 112, 113, 117, 119, 139

Experiências Dançantes 1, 5, 139

### I

Imaginário 90, 108, 111, 118, 119, 139

Instituições de ensino superior 49, 50, 51, 53, 59, 139

Inversão de poder 39, 139

### L

Lei Rouanet 27, 28, 31, 34, 139

### M

Marambiré 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 139

Mudanças organizacionais 49, 50, 59, 60, 139

## **P**

Particularidades 63, 66, 140

Política Cultural 10, 28, 29, 35, 36, 38, 140

Política Educacional 10, 23, 140

Políticas Públicas 1, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 22, 27, 33, 138, 140

Protagonismo Feminino 91, 93, 140

## **Q**

Quilombo 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 140

## **R**

Reconfiguração da Cidade 84, 140

Resistência 39, 41, 47, 48, 88, 91, 92, 93, 95, 96, 103, 104, 105, 106, 134, 140

## **S**

Saber tradicional 121, 130, 133, 134, 140

Sociedade 5, 23, 25, 32, 33, 34, 42, 43, 45, 46, 49, 63, 64, 66, 67, 69, 70, 91, 92, 93, 94, 106, 128, 132, 134, 140

Sustentabilidade 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 137, 140

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**